

CAPÍTULO 4

A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO INTERNA NA SAÚDE MENTAL: UMA ABORDAGEM HUMANISTA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.947112518034>

Data de aceite: 11/04/2025

Rafaela Gonçalves

Esse artigo tem como finalidade desenvolver uma comunicação mais fluida e flexível, compreendendo o impacto direto na saúde mental. Rafaela Madalena Gonçalves - Psicóloga clínica e educacional. Especialista em Comunicação Não-violenta.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação interna, diálogo interno, Carl Rogers, Marshall Rosenberg, empatia, autoconhecimento.

INTRODUÇÃO

A comunicação é um dos pilares das relações humanas, mas antes de interagirmos uns com os outros, há um diálogo constante dentro de nós. Esse diálogo interno pode ser construtivo, favorecendo a autoestima e a tomada de decisões, ou destrutivo, reforçando crenças limitantes e emoções negativas. A forma como nos comunicamos internamente impacta diretamente nossa saúde mental e nossa capacidade de enfrentar desafios.

Carl Rogers (1961), um dos principais teóricos da Psicologia Humanista, destaca que a aceitação incondicional de nossos sentimentos é essencial para o desenvolvimento pessoal. Já Marshall Rosenberg (2003), criador da Comunicação Não Violenta (CNV), argumenta que a linguagem pode ser uma ferramenta para a conexão ou um meio de autossabotagem.

RESUMO: A comunicação interna é um fator determinante para a saúde mental, influenciando a autopercepção, a tomada de decisões e a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre o diálogo interno e o bem-estar psicológico, com base nos pressupostos da Psicologia Humanista, especialmente nas contribuições de Carl Rogers e Marshall Rosenberg. Utilizando uma revisão bibliográfica, discutimos como a comunicação interna pode servir como ponte para o autoconhecimento e a autorregulação emocional ou, ao contrário, como um muro que impede o crescimento pessoal. Concluímos que um diálogo interno mais empático e consciente pode favorecer a autocompaixão e reduzir padrões destrutivos de pensamento.

Este estudo busca compreender como a comunicação interna influencia o bem-estar emocional, analisando estratégias que possibilitam um diálogo interno mais saudável e construtivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Comunicação Interna e Seu Impacto na Saúde Mental

A comunicação interna refere-se à forma como os indivíduos estruturam seus pensamentos e sentimentos, influenciando diretamente seu comportamento e suas emoções (BECK, 1997). Estudos indicam que padrões de pensamento negativos e autocriticos estão associados a transtornos como depressão e ansiedade (NOLEN-HOEKSEMA, 2000).

Segundo Rogers (1961), a aceitação genuína das emoções, sem julgamentos, é um passo essencial para o crescimento pessoal. A abordagem humanista enfatiza que a forma como uma pessoa se vê determina sua relação com o mundo. Se o diálogo interno for rígido e autocritico, há maior propensão à auto sabotagem e ao sofrimento emocional.

A Comunicação Não Violenta e o Diálogo Interno

Marshall Rosenberg (2003) propôs a Comunicação Não Violenta (CNV) como um modelo de linguagem baseado na empatia e na autenticidade. Embora a CNV seja amplamente aplicada em interações interpessoais, sua aplicação à comunicação interna é igualmente relevante.

A CNV sugere quatro elementos fundamentais: observação, sentimentos, necessidades e pedidos. Aplicando isso ao diálogo interno, podemos reformular auto críticas destrutivas em reflexões mais compassivas, promovendo um olhar mais cuidadoso sobre nossas próprias necessidades emocionais.

Reflexões sobre a Linguagem e a Construção da Realidade

A linguagem molda nossa percepção da realidade. Ruth Bebermeyer, no poema Palavras são janelas (ou são paredes), ilustra como a forma de nos expressarmos pode abrir espaço para a compreensão ou criar barreiras de isolamento.

“Senti-me magoado e incompreendido
Com palavras duras que ouvi
Até que percebi que eram palavras apenas,
Refletindo o que acontecia dentro de mim.”

Essa reflexão demonstra que o diálogo interno negativo pode ser apenas um reflexo de crenças internalizadas, que podem ser ressignificadas por meio de uma comunicação mais consciente e acolhedora.

METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão bibliográfica, analisando as contribuições da Psicologia Humanista e da Comunicação Não Violenta para o desenvolvimento de um diálogo interno mais saudável. Foram consultados artigos científicos, livros e estudos de referência na área da psicologia e comunicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados indicam que a comunicação interna tem um papel central na regulação emocional e na construção da autoestima. Indivíduos que praticam um diálogo interno mais empático apresentam maior resiliência emocional e menor propensão à auto sabotagem (NEFF, 2011).

A abordagem de Carl Rogers reforça que a aceitação incondicional de si mesmo permite que as pessoas desenvolvam um senso de autenticidade e crescimento pessoal. Da mesma forma, a CNV de Rosenberg fornece ferramentas para transformar autocriticas rígidas em um processo de autocompreensão e cuidado.

A reformulação do diálogo interno pode ser feita por meio de práticas como:

1. Identificação dos padrões de pensamento – Observa-se que a linguagem interna é crítica ou compassiva.
2. Mudança de perspectiva – Substituir frases como “eu nunca faço nada certo” por “estou aprendendo e evoluindo”.
3. Prática da autocompaixão – Tratar a si mesmo com a mesma empatia oferecida a um amigo.

A literatura indica que o fortalecimento da comunicação interna positiva melhora a regulação emocional, reduz sintomas de ansiedade e aumenta a sensação de bem-estar (GILBERT, 2014).

CONCLUSÃO

A comunicação interna pode ser uma ferramenta poderosa para o crescimento pessoal ou um obstáculo ao bem-estar emocional. As abordagens de Carl Rogers e Marshall Rosenberg mostram que a forma como nos comunicamos internamente influencia não apenas nossa saúde mental, mas também a maneira como nos relacionamos com o mundo.

Ao transformar um diálogo interno rígido e autocritico em uma comunicação mais compassiva e consciente, criamos pontes para o autoconhecimento e a resiliência emocional. Assim, a comunicação deixa de ser um muro que nos aprisiona e se torna uma ponte para uma vida mais autêntica e equilibrada.

REFERÊNCIAS

- BECK, A. T. *Cognitive Therapy: Basics and Beyond*. New York: Guilford Press, 1997.
- GILBERT, P. *The Compassionate Mind: A New Approach to Life's Challenges*. New Harbinger, 2014.
- NEFF, K. D. *Self-Compassion: Stop Beating Yourself Up and Leave Insecurity Behind*. HarperCollins, 2011.
- NOLEN-HOEKSEMA, S. *The Role of Rumination in Depressive Disorders and Mixed Anxiety/Depressive Symptoms*. *Journal of Abnormal Psychology*, 2000.
- ROSENBERG, M. *Nonviolent Communication: A Language of Life*. Encinitas: PuddleDancer Press, 2003.
- ROGERS, C. R. *On Becoming a Person: A Therapist's View of Psychotherapy*. Houghton Mifflin, 1961.